

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação teve como objeto investigar a saúde dos idosos da Ilha da Conceição através de suas representações de saúde e de doença, assim como perceber a expressão dessas concepções entre os profissionais de saúde envolvidos nessa relação.

Este estudo mostrou que a concepção de saúde que os idosos da Ilha desenvolveram está imbricada no sentimento de pertencimento e na territorialidade, ou seja, nas relações de vizinhança, nas relações comunitárias, no espaço físico demarcado, no sentido histórico da Ilha. A definição da Ilha como espaço de cidadania, de identidade e de pertencimento e a cultura que se estabelece a partir dessas relações são eixos fundamentais que estão presentes em todos os discursos.

Os idosos de nossa pesquisa desenvolveram uma prática social que levou-os a considerar que as políticas sociais são resultantes de sua ação social. A dimensão conjuntural dessas políticas não é assimilada pelo usuário que tem uma prática que exercita suas demandas do cotidiano.

O relato do Sr.W registrado no terceiro capítulo dessa dissertação (pag.64§1) é emblemático nesta relação da territorialidade e aponta com propriedade os significados que marcam a trajetória de vida dos idosos:

Sr. W , autor da fala acima, é um senhor de 78 anos, morador da Ilha desde o seu nascimento, ferroviário, participante de toda a construção do seu espaço social e com liderança reconhecida na comunidade por sua combatividade e militância nas principais lutas que se travaram na Ilha. Sua fala é constante entre os idosos. Em sua maioria, eles falam de participação ativa.

A análise do conteúdo desses discursos chamou-nos a atenção para a importância do território, esse enraizamento que supera o sentimento individual. Esta ligação entre o indivíduo e sua comunidade é marcada pela história do lugar. A população da Ilha não é conformada com o que está posto, tem o domínio das etapas do processo de construção de sua cidadania o que nos permite afirmar que é uma “ comunidade viva”

Essas particularidades da Ilha são o desenho de uma comunidade que esteve isolada até 1958 quando então ligou-se ao continente o que explica o seu perfil inclusivo, mobilizador e exigente. Os idosos selecionados para este estudo viveram a Ilha do isolamento, pensam o seu lugar, atuam e expressam suas demandas como formas de criar e fixar sua identidade. Assumem o compromisso com a manutenção de sua cultura. A luta pela melhoria do bairro, assim como pela saúde, está naturalizada, faz parte da história do lugar. Essas particularidades estão na fala dos entrevistados.

A comunidade, assim como o serviço de saúde local, não se isolam na individualidade. Isso legitima nossa interpretação de que a saúde é uma construção da comunidade.

Partícipes do processo coletivo de construção os idosos reinventam o lugar social para a velhice. Ao reeditarem a história do seu lugar, o seu passado de lutas, tornam-se constitutivos do seu presente. Nesse sentido se antecipam à concepção “moderna” de velhice ativa, “engajada”. Mantiveram-se sempre ativos na sua história, demarcando seu território, definindo suas demandas. Há, nesse sentido, uma contemporaneidade no comportamento dos idosos da Ilha.

A despeito da construção social de “velhice inútil”, sem lugar social tão presente na sociedade e na literatura, a velhice na Ilha da Conceição não tem esse encaminhamento habitual. Os idosos se diferenciam na disputa do seu território ressignificando o sentido de sua existência. Eles têm preocupações que vão além das atividades de lazer. A explicação para este comportamento é dada, dentro da Gerontologia, pela teoria da continuidade.

Esta teoria tem como seu principal foco mostrar como as pessoas idosas tentam manter as estruturas psicológicas internas e externas preexistentes, aplicando estratégias já conhecidas anteriormente (Atchley apud Siqueira, 2002)¹³. Vem sendo utilizada para explicar a complexidade do processo de adaptação ao envelhecimento nas sociedades contemporâneas.

Ao analisarmos as questões existenciais presentes na velhice, os relatos de solidão, do medo da morte, do abandono e da incapacidade física também são pontuados por sua relação com o território. Há um sentimento de continência para

¹³ Ver também a esse respeito o artigo de Siqueira, M.E.C no Tratado de Geriatria e Gerontologia. Ed. Guanabara Koogan, RJ: 2002.

com as questões da existência na velhice como consequência dos laços que unem os moradores. O sentimento de que estarão mais protegidos entre os seus pares.

Outro aspecto analisado nas entrevistas diz respeito às relações entre os idosos e profissionais do sistema de saúde local. É correto afirmar que esses discursos também retratam as influências das características do contexto sócio-histórico da Ilha na prestação dos serviços de saúde à comunidade.

A assimilação do sistema de saúde pelos usuários idosos é dada por parâmetros definidos por eles próprios. A forma como a administração da saúde está organizada no sentido de atender a todos os munícipes não é compreendida pela população. Eles pensam a saúde pela ótica da comunidade e tentam se apropriar de todos os equipamentos urbanos e de saúde com vistas a atender às suas necessidades.

Os modelos assistenciais são questionados pelos idosos na medida em que não atendem a todas as suas demandas. Conhecem os recursos do sistema e reivindicam a totalidade dos serviços. Têm uma demanda de autosuficiência de seu território. Ao reivindicarem uma Policlínica evidenciam uma concepção de saúde mais abrangente- a prevenção, as tecnologias de diagnóstico, o atendimento emergencial, tudo à mão, sem precisar deslocar-se do seu espaço.

No entanto, essa concepção autosuficiente leva a uma concentração da visão do espaço social. Esse sentimento histórico da territorialidade, “voltado para dentro”, não estimula a interação da Ilha com os produtos externos o que impede a discussão da cidade como um todo e se constitui em um risco de manterem-se “ilhados”.

A mensagem contraditória trazida pela militância como forma de proteger um lugar histórico construído por eles e para eles, leva a uma noção particular do conceito de cidadania.

Ou seja: os profissionais de saúde atêm-se à dimensão técnica dos problemas de cada programa, mas os idosos ultrapassam essa limitação, ao tomar como critério o “bem-viver”.

A Ilha da Conceição é portanto uma comunidade singular que entende que através da participação ativa de seus membros pode construir a saúde, a partir daí desenvolveu uma cultura participativa na gestão da política pública.

Essas particularidades da Ilha atingem os projetos e as práticas dos profissionais que respondem a essa relação com duplicidade. Os usuários

aparecem ora como parceiros ora fazendo intervenções que na percepção dos profissionais são obstáculos. São as contradições que o técnico vivencia. Para o seu fazer dependem da comunidade que pretende ser a “dona” dos serviços.

Essas considerações nos leva a concluir que ao investigarmos a saúde dos idosos na Ilha da Conceição, a questão da territorialidade que emerge a partir das observações da comunidade, aparece com grande relevância na concepção de saúde. A força do pertencimento está expresso nas discussões da saúde.

A singularidade na Ilha está no compromisso que seus moradores assumem com sua terra, têm uma concepção de saúde não paternalista e entendem a questão dos direitos humanos, do urbanismo, do saneamento como construção da saúde. Lutam pela preservação desse espaço, o lugar saudável para viver.

A Ilha revelou-se como um continente-saúde, uma comunidade onde a população pretende ter o domínio do seu território, se expressa e assume suas demandas e a dimensão de sua cidadania. Entende a política de saúde a partir da participação do usuário.

Frente as mudanças que já estão ocorrendo, novos desdobramentos dessas ações poderão merecer a atenção dos que se interessam pelas políticas sociais. Assim novas abordagens poderão ser capazes de permitir o aperfeiçoamento de instrumentos de intervenção nesta realidade e na formulação de políticas sociais.

Acreditamos que este estudo pode oferecer contribuições substantivas no sentido de subsidiar projetos de políticas públicas que, ao invés de tentar substituir os laços naturais nas relações das pessoas, atentem para as tramas do cotidiano